



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA**

**MARCOS PAULO PEREIRA MACIEL**

**O LIVRO, A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO: Uma relação que se transmuta  
e se atualiza a serviço da preservação e disseminação do conhecimento**

**BELÉM/PA**  
**2022**

MARCOS PAULO PEREIRA MACIEL

**O LIVRO, A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO: Uma relação que se transmuta e se atualiza a serviço da preservação e disseminação do conhecimento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no formato artigo a Universidade Federal do Pará, como parte de exigência para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antônio Braga de Souza.

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Carlos Antônio Braga de Souza - Orientador

FABIB/ICSA/UFPA

---

Prof. ME. WILLIAMS JORGE CORREA PINHEIRO - Examinador

FABIB/ICSA/UFPA

---

Prof. Me. Telma Socorro da Silva Sobrinho - Examinador

FABIB/ICSA

## **O LIVRO, A BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO: Uma relação que se transmuta e se atualiza a serviço da preservação e disseminação do conhecimento<sup>1</sup>**

Marcos Paulo Pereira Maciel<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho a partir de alguns dos principais acontecimentos históricos que se sucederam desde a Antiguidade até a modernidade, trata da relação e dos diferentes propósitos de existência a qual tanto livro, como bibliotecas e bibliotecários passaram no decorrer do tempo, que culminaram com as formas de preservação e disseminação do conhecimento, que por meio de pesquisa bibliográfica, tem por objetivo apresentar, contrastar e caracterizar alguns dos principais eventos e fatores, que ocasionaram numa importante e fundamental relação entre livro, biblioteca e bibliotecário, que vem atualizando-se desde então a serviço da preservação da memória e do conhecimento humano, fazendo com que este estivesse a ser transmitido continuamente às gerações futuras.

**Palavras-chave:** Livro. Biblioteca. Bibliotecário. História. Preservação.

**THE BOOK, THE LIBRARY AND THE LIBRARIAN: A relationship that is transmuted and updated in the service of preserving and disseminating knowledge**

### **ABSTRACT**

The present work, based on some of the main historical events that took place from antiquity to modernity, deals with the relationship and the different purposes of existence which both books, libraries and librarians have passed over time, which culminated in the fundamental forms preservation and dissemination of knowledge, which, through bibliographical research, aims to present, contrast and characterize some of these main events and factors, which led to an important and fundamental relationship between book, library and librarian, which has been updated ever since. at the service of preserving human memory and knowledge, ensuring that this was being continuously transmitted to future generations.

**Keywords:** Book. Library. Librarian. History. Preservation.

## **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em formato de artigo, de acordo com o que autoriza a Faculdade de Biblioteconomia (FABIB/ICSA/UFPa) com base na Resolução n. 5.294-CONSEP, de 21 de agosto de 2020, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Antônio Braga de Souza (FABIB/ICSA/UFPa). Banca examinadora: Prof. Me. Williams Jorge Correa Pinheiro (FABIB/ICSA/UFPa); Profa. Me. Telma Socorro da Silva Sobrinho (FABIB/ICSA/UFPa).

<sup>2</sup> Graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (UFPa)...Email: marcospufpa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1417-9809>.

Diferente do passado, o mundo moderno dispõe de uma grande variedade de tecnologias e ferramentas de busca, que permitem facilidade e acesso à informação a todos os tipos de usuários. A memória do conhecimento no presente é preservada não somente através dos livros e bibliotecas físicas, mais também pelos chamados textos eletrônicos e seus espaços virtuais.

As novas formas de registros são depositadas em bancos e bases de dados disponíveis em nuvens na internet, que garantem espaço quase ilimitado para a preservação da massiva quantidade de informação produzida diariamente. Sua organização é feita de maneira conjunta e sistemática, por meio dos profissionais da tecnologia da informática e bibliotecários, agentes treinados e ligados à ciência da informação, com habilidades multidisciplinares, empenhados na importante missão da representação, preservação e disseminação da informação e do conhecimento.

Porém nada disso seria possível sem que, a trajetória da preservação do conhecimento não estivesse ligada não somente as fases evolutivas do ser humano, como também pelo desenvolvimento de seus suportes de registro e locais de armazenamento na história. É possível que esse processo tenha se iniciado já na pré-história, quando nossos ancestrais hominídeos, através de pinturas, passam a registrar suas experiências nos interiores de cavernas.

No decorrer do tempo com desenvolvimento dos povos e com aparecimento dos primeiros suportes de registro, passa-se a produzir e a registrar-se cada vez mais, tornando os seres humanos confusos e pequenos perante sua própria produção (MILANESI, 2002, p. 10), causando assim uma grande problemática, no sentido de em qual local e de que forma armazenar a grande quantidade de registros, cada vez mais crescente no decorrer da história.

É desta necessidade que surgem as bibliotecas na Antiguidade, locais destinados unicamente em seu início a estocagem, com propósito de existência bem diferente do atual, mas que na medida do tempo passaria por importantes intervenções, que causaram suas transformações, modificando assim tanto seus conceitos como seus propósitos de existência.

Juntamente às bibliotecas se tem o surgimento da figura do bibliotecário, ainda não propriamente dita, mas que emerge na Antiguidade já com a importante missão de organizador dos diferentes suportes de registros, que se sucederam na história.

Bibliotecário este que também necessitou se desenvolver e transcender seus propósitos e funções de existência ao longo dos séculos, culminando em um profissional fundamental na atualidade, a serviço da preservação e disseminação da informação e do conhecimento.

Assim sendo tanto livro, como biblioteca e bibliotecário, fazem parte de um longo processo existente e inerente, que cruzam-se e relacionam-se desde suas origens, atualizando seus conceitos e propósitos conforme ocorrem as mudanças e desenvolvimentos civilizatórios, que conseqüentemente refletem nos novos processos de organização e preservação do conhecimento na atualidade.

A justificativa do tema surge após contato com a disciplina *História do Livro e das Bibliotecas*, componente da grade curricular do curso de Biblioteconomia, na Universidade Federal do Pará, que possui caráter de suma importância na formação do profissional bibliotecário. Tendo em vista que por meio desta, os discentes adquirem a percepção da importância das origens e dos processos evolutivos sociais, culturais e políticos, aos quais suportes (livro), biblioteca e o próprio bibliotecário passaram na história.

Assim sendo, o presente trabalho utilizar-se-á de estudo qualitativo, com base em levantamento bibliográfico, de autores e pesquisadores do tema. No que diz respeito a procedimentos de pesquisa, ou seja, a forma de como foram levantados os dados, foi considerado a pesquisa bibliográfica, em fontes publicadas via internet por meio de bases de dados como SCIELO, BRAPCI, portal de periódicos CAPES e também por suportes físicos impressos, no caso livros, artigos, revistas.

Quanto aos propósitos de pesquisa, possui-se como objetivo geral, enfatizar a importância histórica da relação inerente entre o livro, biblioteca e bibliotecário, na preservação e organização do conhecimento.

Especificamente, têm-se como objetivos: a) apresentar alguns dos principais fatores históricos, que contribuíram para os processos de desenvolvimento e transmutações tanto do livro, como da biblioteca e do bibliotecário; b) contrastar alguns de seus diferentes propósitos de existência nas diferentes épocas e civilizações da história; c) por fim, caracterizar as diferentes fases de transformações por qual o livro, a biblioteca e bibliotecário passaram em suas respectivas histórias.

## 2 ORIGENS DO LIVRO E SUA TRANSMUTAÇÃO

O livro se mostrou como uma das tecnologias mais duradouras e necessárias da história da humanidade, isso não por acaso, pois uma de suas principais funções foi suprir a incapacidade humana de armazenar todo o conhecimento adquirido em sua memória. No decorrer de sua história, o livro tem diversas faces, passa por transmutações, que envolveram tanto sua constituição material física, como suas técnicas de escritas e seu propósito de uso nas diversas sociedades e civilizações.

Entretanto o livro sempre foi antes de tudo memória, seu principal papel nas civilizações foi “[...] ser um arquivo de memórias reais ou ficcionais” (SILVEIRA, 2001, p.72). Muito se discute sobre o conceito do livro, ainda mais quando se pensa nos novos dispositivos de leitura apontados como livros eletrônicos, onde Chartier (1999. p. 12) analisa que “[...] existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor”.

Porém, o livro é muitas vezes ainda definido por sua materialidade, ou seja, como um objeto de constituição física, composto por folhas e encadernamento, entendimento ao qual Machado (1994, p. 203) alerta como se estivéssemos limitando e definindo o livro apenas aos processos tipográficos, tal como se fixou a partir do século XV, com o livro impresso de Gutenberg.

Uma ideia muito mais abrangente do livro, da qual pode-se facilmente abarcar até mesmo os suportes utilizados pelas primeiras civilizações na Antiguidade, é compreender o livro “[...] como sendo todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e toda a posteridade o conjunto de seus conhecimentos de suas descobertas, de seus sistemas de crença e os vãos de sua imaginação” (MACHADO, 1994, p. 204).

Sem dúvida no presente sua grande capacidade de reunir uma grande quantidade de informação, somado a sua portabilidade e facilidade de referência, torna o livro indispensável (LYONS, 2011, p. 7). Entretanto é importância ressaltar, que os primeiros escritos em suportes minerais conhecidos, são vestígios que também integram e remontam parte da universal história do livro, que se inicia justamente a partir da criação dos primeiros suportes de registro e escrita.

Apesar dos diversos suportes que existiram nas civilizações antigas tanto do Ocidente, como do Oriente, segue na próxima subseção um breve reconhecimento

de alguns dos suportes mais dominantes da Antiguidade, que segundo Mello (1972, p. 21) utilizaram-se em seus desenvolvimentos tanto elementos do reino mineral, como animal e vegetal.

## 2.1 Da oralidade aos primeiros suportes, os livros da Antiguidade

Por muitos séculos a oralidade se fez como principal meio para se compartilhar o conhecimento entre povos na Antiguidade, por exemplo, as primeiras civilizações, as quais Machado (1994, p. 205) refere-se como sociedades orais, se utilizaram de seus sábios anciões, considerados verdadeiros livros vivos, por serem responsáveis pela guarda e compartilhamento da memória de sua comunidade.

Porém, enquanto o conhecimento expandia-se, a memória humana já não era suficiente para armazenar tantas informações sem perdas. Desta necessidade surgem os primeiros suportes de registros, forjados em minerais, sólidos e resistentes, como pedra, bronze e as famosas placas de argila, que segundo Lyons, (2011, p. 16) surgem a partir do 4º milênio a.C., em burocracias urbanas da Suméria, destinados inicialmente para registros contábeis, como anotações de patrimônios, logo ganhariam grande importância nos registros da literatura destinadas aos deuses.

Os egípcios foram precursores do papiro, o qual suas folhas prontas, coladas e fixadas a uma haste de madeira cilíndrica, geravam um rolo chamado de *volumen*. Conforme Lanbarre (1981, p. 9) o papiro se consolidou como principal suporte da escrita e registro no Egito e logo no mundo grego e no império romano, mantendo-se até o século X ou XI da nossa era, quando passou a ser usado quase que somente pela chancelaria romana.

Em outras civilizações antigas, se fez uso de diferentes materiais como suporte:

[...] os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. No oriente, o livro era formado de tabulas de madeira ou de bambu atravessadas, reunidas por uma fivela (PAULINO, 2009, não paginado).

À cidade de Pérgamo, situada na região da Mísia, na antiga Ásia Menor, mais adiante foi precursora do *pergaminho*, que era confeccionado com pele animal de caprinos e bovinos, essa nova técnica surge como alternativa para prática da escrita,

durante o monopólio do papiro imposto pelos egípcios. O pergaminho se mostrou com ótima durabilidade em relação ao papiro, que era frágil e tendia a se decompor em regiões mais úmidas.

Logo as folhas de papiro seriam substituídas gradativamente pelas de pergaminho, que conforme Lyons (2011, p. 22) apresentava material de maior durabilidade e resistência, podendo-se dobrar e costurar uma folha a outras, ou até mesmo ser reutilizado através de uma técnica de raspagem denominada *palimpsesto*. Porém o pergaminho possuía um alto custo, uma vez que este exigia o abate de vários animais.

Deve-se também salientar que até então a forma de leitura e manuseio de um livro no formato rolo, era bastante diferente do livro atual. O rolo apresentava certo desconforto para seu manuseio e leitura, já que este exigia o uso simultâneo das duas mãos.

Este livro é um rolo [...] que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-lo. Ele faz aparecer trechos distribuídos em colunas. Assim, um autor não pode escrever ao mesmo tempo em que lê. Ou bem ele lê, e suas duas mãos são mobilizadas para segurar o rolo, e neste caso, ele só pode ditar a um escriba suas reflexões, notas, ou aquilo que lhe inspira a leitura (CHARTIER, 1999, p. 24).

Com o passar do tempo, o pergaminho tornou-se o suporte mais utilizado para a escrita, sua estrutura material foi propícia para o desenvolvimento de novas técnicas, visto que suas folhas passaram a ser “[...] dobradas ao meio, formando cadernos, que eram sobrepostos, costurados e encapados com material mais firme, como a madeira” (SANTOS, 2010, p. 22). É desta nova técnica que surgiria o livro em formato códice.

## **2.2 O Livro medieval**

Após séculos de domínio do livro no formato em rolo, o *códex* desempenha papel decisivo na história do livro, ao substituir o *volumen*, o códice dá a aparência ao livro tal como conhecemos hoje (HANSEN, 2019, p. 30). Conforme Mello (1972, p. 119) o códice marca também o fim das fases evolutivas da escrita, que precedeu a Imprensa.

O livro códice apresentaria várias facilidades em relação ao rolo, Amorim et al (2019, não paginado) destaca algumas, como sua: maior compacte, poderia ser empilhado, ou enfileirados em estantes, melhor facilidade de manuseio, sua

estrutura física contava com capa e dorso que facilitavam sua identificação, seu conteúdo era escrito em fólhos individuais, facilitando assim acessar partes distintas do texto.

A partir do século IV, os cristãos elegeram esse formato como padrão para as escrituras sagradas, de modo a diferenciá-las da literatura pagã, em geral escrita em rolos de pergaminhos (pelo menos no ocidente). Até então, *códice* (*codex*) distintivo do ponto de vista material, o códice torna-se a designação do próprio formato. (MACHADO, 1994, p. 204).

O códice permitia muito mais texto, era composto por cadernos costurado uns aos outros, chamados de *quaderni*, que por seguinte eram constituídos de vários fólhos, sendo por fim encapados por materiais como couro e madeira. Sua forma e modo de leitura rompem definitivamente com a leitura vertical praticada no livro em rolo.

Segundo Eckert (2015, p. 14) esse leitor passa a ter mais liberdade em seu manuseio, podendo anotar em quanto lê, trocar de páginas, fazendo comparações entre diferentes partes da obra. Nas palavras de Chartier, (1998, p. 102) “[...] é com o *codex* que o leitor conquista a liberdade: pousado sobre uma mesa ou escrivaninhas, o livro em cadernos não exige mais a total mobilização do corpo”.

Na Idade Média os textos dos códices são destinados principalmente às escrituras sacras cristãs, copiadas, ornadas e ilustradas por monges. O invento do códice trouxe uma grande revolução de caráter significativo e duradouro, dando uma forma distinta e reconhecível que se conservou por dezessete séculos (LYONS, 2011, p. 35).

Ainda que o códice tenha apresentado de forma amplamente superior ao rolo, ambos ainda eram livros manuscritos, frutos de um processo de escrita meticuloso e demorado, algumas cópias do livro códice levavam até anos para serem concluídas.

Somente no século XIII, de acordo com Febvre e Martin (2019, p. 50) é que se marca a não mais predominância dos mosteiros como únicos produtores de livros. A partir desse século nascem às universidades, formando um diferente público do livro.

Com a crescente demanda por parte desse novo público ao qual o livro agora passaria a interessar, foi necessário que se aperfeiçoasse os métodos até então utilizados pelos monges e copistas. Nas palavras de Febvre e Martin (2019, p. 345) “[...] os séculos que precederam a imprensa, aqueles que se encarregavam de

produzir livros à mão haviam sabido, vimos, adaptar sua produção para responder às novas necessidades”.

Os avanços tecnológicos posteriores marcariam o início de uma nova era, onde se teria a popularização do livro, com a padronização de elementos e estruturas textuais, a partir da invenção dos tipos móveis e a nova cultura da Imprensa, de *Johannes Gensfleisch zur Gutenberg*.

### **2.3 Incunábulo o Livro Impresso Modernista**

Para se referir ao livro impresso, empregou-se o nome *Incunábulo*, que segundo Lemos (2011, p. 4) vem do latim *in cuna*, que traduzido para português significa *no berço*, em referência ao início e surgimento dos primeiros livros produzidos na prensa. O invento de Gutenberg em 1440 nasce de um longo processo que demandou uma série de inventos, que se concretiza com o advento da Imprensa e seus tipos móveis (LYONS, 2011, p. 56).

É de suma importância enfatizar, que o êxito do invento de Gutenberg só foi possível graças ao surgimento do *papel*, que à priori neste momento era utilizado somente para escritos não duráveis, como cartas e rascunhos, porém, logo seria essencial para a técnica empregada pela prensa.

De acordo com Febvre e Martin (2019, p. 157) o livro impresso e sua tipografia em seu início não causou uma súbita agitação popular e somente aos poucos se foi descobrindo as consideráveis inovações e benefícios que essa nova tecnologia poderia oferecer.

Logo se percebeu a grande difusão na produção do livro incunábulo, porém a sua aceitação teve bastante resistência em seu princípio, nas palavras de Lyons (2011, p. 55) “[...] a imprensa teve muitos detratores, que temiam que ela espalhasse mentiras e subversão, [...] para eles, a imprensa tinha o poder de corromper leitores sem discernimento e de espalhar a heresia mais amplamente do que antes”.

Entretanto, essa rejeição duraria pouco tempo, pois de acordo com Febvre e Martin (2019, p. 142) rapidamente os leitores passaram a preferir os livros incunábulo, bem mais corretos e legíveis, do que os manuscritos, que naquela altura teriam uma brusca queda de uso e produção. Febvre e Martin (2019, p. 361) salientam que em 1500-1510 os livros manuscritos foram cada vez mais

postergados pelos efeitos dos livros impressos e por volta de 1550, os manuscritos eram consultados quase que somente por eruditos.

A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutenberg e, depois dele, pelo livro moderno (CHARTIER, 1999, p. 7-8).

Foi por volta do século XVI que o livro incunábulo tornou seu aspecto parecido com o do livro atual, quando padronizou seu texto impresso em papel, utilizando-se de caracteres romanos, com tamanhos legíveis e linhas corridas e não mais em colunas (FEBVRE; MARTIN, 1999, p.158). Os progressivos avanços teológicos ainda trariam muito mais popularização ao livro impresso, conforme Lyons (2011, p. 60) a tecnologia Gutenberg duraria até o início do século XIX, ou seja, mais de trezentos anos.

## **2.4 O Livro Contemporâneo Eletrônico**

Ao final do século XIX e início do século XX o livro se tornou um produto cada vez mais industrializado, decorrente da revolução industrial, que proporcionou um grande avanço das tecnologias, que conforme Eckert (2015, p. 16) é “[...] resultado da junção de progressos técnicos, às novas condições sociais, econômicas e políticas, que ocorreram nos séculos XIX e XX”, culminando com a definitiva popularização do livro.

A multiplicação dos livros é garantida, primeiro, pela invenção de Gutenberg, segundo, no século XIX, pela industrialização da atividade gráfica e, enfim, no século XX, pela multiplicação das tiragens graças aos livros de bolso. [...] a ideia da proliferação das leituras incontroladas anda de mãos dadas com a multiplicação dos leitores incontroláveis (CHARTIER, 1999, p.110).

Nas palavras de Milanesi (2002, p. 28) “[...] a velocidade da produção intelectual e de sua disseminação foram fatores de mútua interferência até pelo menos o desenvolvimento da rede de computadores no final do século XX”. A partir da segunda metade referente ao século XX, os livros passariam a ser escritos e organizados em computadores.

Isso faz com que o livro tome formas eletrônicas já no século XXI, fruto de um projeto digital que causaria novas transformações, no que diz respeito à leitura e interatividade com o texto, agora em dispositivos. Conforme Machado (1994, p. 207) as mídias dão sequência na atualidade ao propósito histórico do livro,

transformando-o e redirecionando-o, conforme as novas necessidades do ser humano moderno.

Unido à internet, esse livro eletrônico proporciona inúmeras possibilidades de interação ao seu leitor, tal como: manipulação do tamanho da sua fonte textual, fazer marcações organizadas, acessar dicionários e hiperlinks que o levam a outros textos, ferramentas para traduzir partes dentro do texto, tudo isso sem precisar sair da página em que se lê.

Essa simultaneidade [...] que é instantânea do não simultâneo, também já alterou a relação tradicional que tínhamos com a escrita, com a memória e com a imaginação. As mídias digitais realizam o projeto moderno de produzir a simultaneidade instantânea aqui e agora, ao mesmo tempo ausente de todas as temporalidades do tempo (HANSEN, 2019, p. 20).

O livro moderno eletrônico tem dentre suas características o seu fácil manuseio, é compacto, possui iluminação própria, podem ser lidos em outros dispositivos eletrônicos, como tablets, computadores ou até mesmo celulares, acessando aos textos guardados em memórias, ou bases de dados virtuais, a qualquer hora e em qualquer lugar. Porém de acordo com Lyons (2011, p. 206) é importante salientar que os livros eletrônicos representam uma porcentagem ainda muito pequena da produção literária, mas que cresce a cada ano em larga escala.

A próxima seção é dedicada a expor alguns aspectos e características, que constituíram as bibliotecas e causaram suas evoluções, do passado até o presente. Somado a origem e evolução de seus gestores organizadores bibliotecários, que igualmente como biblioteca e livro, atualizaram-se e relacionaram-se.

### **3 A TRANSMUTAÇÃO DAS BIBLIOTECAS E SEU GESTOR BIBLIOTECÁRIO**

Assim como o livro, tanto a biblioteca como bibliotecário passaram por diferentes momentos evolutivos na história, transições estas que modificariam seus conceitos e funções conforme os desenvolvimentos civilizatórios ocorriam no decorrer do tempo, refletindo conseqüentemente na criação dos novos processos e métodos de organização e preservação do conhecimento no presente.

Após o aparecimento dos primeiros suportes de registro, ou primeiras formas do livro, surgem às bibliotecas e conseqüentemente a gênese das atividades bibliotecárias, com papel fundamental tanto na própria história do livro, como na preservação e disseminação do conhecimento nas bibliotecas.

De acordo com Mello (1972, p. 212) a origem da palavra biblioteca vem do grego *biblíon* (livro) e *teke* (caixa, depósito). Sobre bibliotecas também é necessário salientar conforme Barbier (2018, p. 16), que o termo biblioteca por metonímia, também designou o conteúdo tanto de um só livro, como de uma coleção, como exemplo, ele destaca o antigo testamento e os poemas homéricos, pois esses são formados por textos sobre a experiência humana.

Para facilitar a ordenação e o acesso aos registros, os homens, as cidades e os países, durante séculos de história, consideraram melhor junta-los em um único lugar, formando coleções e criando serviços a elas vinculados. Quando um desses locais é visitado por um curioso a procura de algo, além de achar o que deseja, o interessado pode encontrar mais do que supunha existir (MILANESI, 2002, p, 10).

A origem e evolução das bibliotecas também podem ser narradas juntamente com a de seus primeiros gestores, que na Antiguidade foram encarregados de organizar as mais variadas formas do livro, fazendo com que estes fossem encontrados quando solicitados. Conforme Milanesi (2002, p. 13) havendo-se a necessidade de guardar, haverá conseqüentemente o ato seguinte de não perder o guardado.

### **3.1 Aspectos e características das bibliotecas e seus bibliotecários na Antiguidade**

Segundo Rodrigues et al (2013, p. 84) os primeiros repositórios da Antiguidade tem suas origens na Mesopotâmia, as quais Mello (1972, p. 212) aponta como sendo bibliotecas consideradas exclusivamente minerais, por possuírem acervos constituídos de registros em placas de argila, pedra ou metais. Em seu início eram entendidas puramente como depósitos, com propósito voltado unicamente ao armazenamento e acúmulo de registros do conhecimento, até então entesourados e enclausurados.

Ressalta-se que, na Antiguidade essas bibliotecas possuíam um caráter bem restrito, nas palavras de Martins (2002, p. 71) as bibliotecas “[...] até a Renascença não estão à disposição dos profanos: são organismos mais ou menos sagrados, ou, pelo menos, religiosos, a quê se tem acesso apenas os que fazem parte de uma certa ordem, de um corpo igualmente religioso e sagrado”.

Até mesmo as constituições arquitetônicas de seus edifícios corroboravam para aspectos restritos ao público não membro dessas ordens. Conforme Martins

(2002, p. 71) na Biblioteca de Nínive, por exemplo, seu depósito de registros não possuía saída para exterior, sua única porta parece dar, ao contrário, para o interior do edifício, lugar onde moravam ou permaneciam os grandes sacerdotes.

Por se tratarem de continuações dos templos religiosos, para tarefa de bibliotecário costumava-se indicar preferivelmente pessoas por sua erudição, homens que sabiam ler e escrever e que costumavam ocupar papéis de destaque na sociedade. Figueiredo (2007, p. 11) salienta que historicamente a origem e funções exercidas pelo bibliotecário tiveram sua:

[...] criação, pela nobreza e pelo clero, das primeiras bibliotecas. Assim como na sociedade da época, onde apenas os homens eruditos ocupavam cargos de maior relevância, as funções biblioteconômicas eram exercidas apenas por estes, desde que fossem das letras ou eclesiásticos. Não existia ainda nenhuma teorização à qual eles eram submetidos para terem o direito de executarem as atividades, que se restringiam à função de conselheiros e ao auxílio aos usuários na recuperação da informação.

Segundo Milanesi (2002, p. 16) por séculos na Antiguidade e pelo menos até o Renascimento, a figura bibliotecária aparece meramente como um organizador, incumbido da tarefa de facilitar as excursões de alguns poucos que tinham acesso a essas bibliotecas.

Não se tem conhecimento com exatidão em que momento surge às primeiras atividades de ordenação dos registros nas bibliotecas na Antiguidade, entretanto, Milanese (2002, p. 15) aponta, que com certeza as primeiras pessoas que tiveram essa preocupação “[...] foram aqueles que se interessavam pela escrita e compreendiam a necessidade de ordenar esse material”.

Deve-se enfatizar que as primeiras bibliotecas na Antiguidade possuíam espaços e formas de organização sem quase nenhum tipo de planejamento, Morigi e Souto (2005, p. 190) salientam que eram locais de armazenamento de registros, com sistemas precários de acesso e recuperação. Segundo Battles (2003, p. 37) a reunião desordenada dessas obras em grandes amontoados, corroborava muito mais para a perda e destruição desses registros do que sua preservação.

Seus gestores percebendo isso passam a criar e por em prática métodos de ordenações simultâneas e paralelas ao crescimento de suas coleções, estabelecendo assim o que mais tarde faria parte das noções básicas das atividades biblioteconômicas. Conforme Barbier (2018, p. 58) as instituições mais importantes costumavam ser geridas e confiadas na Antiguidade a uma figura identificada como *procurator bibliothecae*.

Através de dados e pesquisas arqueológicas, se tem conhecimento de alguns métodos de organização de coleções já na Antiguidade, como na Biblioteca de Ebla na Síria, datada a 2.300 a.C, a qual conforme Santos (2016, p. 286) constatou-se a existência de formas de catalogação em tabuinhas, não idênticas a que conhecemos hoje, mas que trazem características que apontam para uma espécie de catalogação representada por temas.

Na biblioteca instalada no Palácio de Assurbanipal, em Nínive na Assíria por volta de 668-626 a.C., obras registradas em placas de argila, que variavam entre temas religiosos, magia, história, astrologia e vários catálogos se referindo a plantas e animais, segundo Litton (1975, p. 232) já eram organizadas da seguinte forma:

[...] as placas eram classificadas por assunto e identificadas por marcas que determinavam sua localização dentro da coleção. Existia, ainda, uma espécie de catálogo do acervo bibliográfico, que registrava a grande diversidade de assuntos incluídos nessa coleção.

No primeiro milênio antes da nossa era, de acordo com Barbier (2018, p. 33-36) marca o declínio dos impérios mesopotâmicos e respectivamente ao abandono tanto dos suportes minerais, como da escrita cuneiforme. A biblioteca do Museu de Alexandria, constituída no Egito por volta do século III a.C., considerada como um dos maiores marcos na história das bibliotecas da Antiguidade, passa a constituir seu acervo principalmente dos longos rolos de papiro e pergaminho.

Essa biblioteca reuniu grande quantidade documental da Antiguidade e necessitou de importante intervenção de seus gestores, que elaborariam uma das primeiras técnicas de gestão, que fundamentaria todos os processos de gestão da informação posteriores. Iniciativa esta proposta pelo poeta e filósofo Calímaco de Cirene, no ano de 270 a.C, que estabeleceu:

[...] as listas gerais da coleção e inaugurado assim a construção de metadados servindo para facilitar a utilização da biblioteca e para enriquecer seus conteúdos: os 120 voluminas dos Pinakes constituem as tabelas dos autores ilustres em todos os campos do conhecimento e de suas obras. A classificação é sistemática em grupos principais: retórica, direito, epopeia, tragédia, comédia, poesia lírica, história, medicina, ciências naturais, varia (BARBIER, 2018, p. 47).

De acordo com Mello (1972, p. 213) as bibliotecas da Antiguidade foram conservadoras de todos os gêneros culturais literários, inclusive livros profanos, os quais não se sabem ao certo se eram acessados por outros públicos além dos sacerdotes e eruditos.

Na Antiguidade também houve muitas bibliotecas particulares, coleções e acervos privados, formados por reis a partir da comum prática pós-guerra da época, em que os vitoriosos pilhavam e saqueavam objetos e exemplares de livros dos locais conquistados. Já outras eram formadas por intelectuais letrados, que obtinham livros copiados por escribas, ou livreiros que vendiam livros transcritos por seus escravos (LITTON, 1975, p. 237).

Ao findar o período republicano de Roma (27 a.C), existiam inúmeras bibliotecas privadas, entre as quais a de Virgílio, que era consultada livremente por seus amigos; a de Marcos Terêncio Varrão, saqueada durante seu exílio; a de Pérsio, legada a seu mestre Lúcio Eneo Cornuto. Os planos da casa construída para Vitruvius Polião, em Roma, incluíam uma biblioteca (LITTON, 1975, p. 238).

Quanto ao caráter público das bibliotecas na Antiguidade, há divergências entre pesquisadores e especialistas, alguns afirmam que as primeiras bibliotecas abertas ao público tenham surgido em Atenas, enquanto outros acreditam que tenha sido em Roma.

Ressalta-se que o caráter ou conceito de público na Antiguidade, não necessariamente abrangesse a todos que desejassem adentrar essas bibliotecas, como aponta Barbier (2018, p. 58) o significado de público precisava ser contextualizado, essas instalações geralmente construídas em cidades, não eram abertas a qualquer público de fato e sim a leitores selecionados, com certo grau intelectual, que justificassem sua presença naquele local.

Quanto aos espaços internos das bibliotecas na Antiguidade, as que possuíam maior porte, Barbier (2018, p. 59) as descreve com pátios e várias salas de trabalho, áreas destinadas a armazenagens especiais, como dos livros mais valiosos, que eram guardados em salas principais, enquanto as cópias ficariam em salas adjuntas, geralmente organizadas por seu idioma.

De acordo com Barbier (2018, p. 59) Essas bibliotecas deveriam estar em locais calmos e que possuíssem boa iluminação, dispor de janelas apontadas para o norte, evitando assim não só a iluminação excessiva, como também maior aquecimento em seus espaços.

Conforme Litton (1975, p. 242):

[...] quanto as estantes, os rolos eram, de costume, colocados horizontalmente, sobre mísulas ou prateleiras, dentro de armários. Também eram utilizadas caixas cilíndricas, reunidas em posição vertical. Cada rolo levava sua etiqueta, chamada títulos, que servia para identificar a obra à vista.

Barbier (2018, p. 62) salienta que através de reconstituições feitas em armários da Biblioteca de Pérgamo, observou-se que talvez por razões de segurança em dado momento esses armários eram fechados.

Isso remete a outras formas de segurança praticadas na Antiguidade, associadas à preocupação com possíveis furtos de seus registros, segundo Medeiros (2019, p. 72) era comum encontrar em colofões, inscrições que amaldiçoavam de morte qualquer um que ousasse furtar qualquer tipo de tabuleta.

O propósito das bibliotecas da Antiguidade, pouco ou nada se modificaria no início do período medieval, elas continuariam sobre o domínio das ordens religiosas, porém, agora dentro de conventos e abadias, acessíveis ainda somente a um pequeno grupo de clérigos, que tornavam restrito toda e qualquer forma de conhecimento literário não religioso, considerado profano.

O perfil do bibliotecário nesse período mais do que nunca, aponta para uma figura fechada e misteriosa, onde somente a ele era confiado todo o conhecimento de acervo e métodos de busca e recuperação.

### **3.2 Aspectos e Características das Bibliotecas e seus Bibliotecários na Idade Média**

Na alta Idade Média com ascensão do cristianismo como principal religião, se estabeleceu principalmente a predominância de bibliotecas construídas dentro de mosteiros, onde os livros agora em formato códex em pergaminho eram confeccionados, copiados e entesourados pelo poder religioso. Estas bibliotecas eram reguladas e administradas pelo alto clero de anciões, abades e bibliotecários, este último assim como na Antiguidade deveria ser maduro e douto, conhecedor de outras línguas como o latim, grego e o árabe.

Conforme Lyons (2011, p. 38) quando surgiram os primeiros mosteiros não se tinha um espaço definido para o funcionamento como biblioteca, somente a partir do século VI é que a biblioteca teria seu próprio espaço e se tornariam componente dos recintos monásticos na Europa Ocidental.

A admissão do livro no formato códice ocasionou algumas novas demandas, como alterações nas estruturas e nos espaços internos dessas bibliotecas, esse livro adquiriu diversos tamanhos como os grandes livros in-fólios, ou os chamados livros de horas, que foram pequenos livros de bolso contendo orações. Os livros em

formato codex comportavam muito mais texto em relação ao rolo, entretanto passaram a ocupar muito mais espaço.

Quando as coleções eram pequenas, os manuscritos eram guardados em locais como as sacristias, ou capelas, em gavetões e armários fixados em paredes (LITTON, 1975, p. 248). Com o crescimento desses acervos, foi necessário intervenções nessas bibliotecas a partir de projetos arquitetônicos, fazendo com que essas disponibilizassem além de espaço adequado para o armazenamento dos livros, também mobiliário e oficinas como o *scriptorium*, onde eram feitas cópias de livros.

Segundo Mello (1972, p. 215) os mosteiros e conventos funcionavam como verdadeiras oficinas gráficas. Nesses locais os artistas produziam os livros, com belos trabalhos de escrita a mão e iluminuras, que era uma espécie de ilustração nas margens das páginas e acabamento com a encadernação e ornamentação do livro.

Os mosteiros e conventos definiram-se no período medieval, como bibliotecas: até arquitetonicamente isso é verdade, sabendo-se através de Rouveyre, que em muitos deles os armários eram embutidos nas enormes paredes. As mais variadas formas de estantes existiam nesses conventos para permitir um manuseio cômodo dos grossos in-fólios medievais, inclusive as portáteis, mas nas quais se acorrentavam os livros (MARTINS, 2002, p. 82).

Com a valorização do livro manuscrito, não somente por seu conteúdo intelectual, mais também por seu alto custo de fabricação, tornou-se comum nessas bibliotecas desse período, a prática de acorrentar os livros as estantes, como forma de segurança a possíveis furtos.

Percebe-se que o livro nesse período histórico, estava limitado muito mais a uma circulação interna, Ortega Y Gasset (2006, p. 18) ressalta que “[...] a ocupação com o livro ainda é infra-social, não aparece para público: esta latente, secreto, pode-se dizer, intestina, confinado no recinto secreto dos mosteiros”. Isso principalmente pelo fato da grande disparidade social onde grande parte da população era pobre e iletrada e “[...] ler e escrever eram habilidades quase que exclusiva dos religiosos” (MILANESI, 2002, p. 23).

Nesse momento o ofício de bibliotecário era responsabilidade de uma figura denominada *librarius* e limitava-se a servir a um pequeno grupo de membros locais autorizados ligados à ordem eclesiástica e a outros monges copistas, visitantes de

outros mosteiros, que faziam longas viagens em busca de livros raros aos quais pudessem estudá-los e copiá-los.

O serviço de empréstimo nessas bibliotecas possuíam regras muito rígidas, em algumas esse serviço era até inexistente, já em outras, conforme Litton (1975, p. 249) esse empréstimo era feito uma vez por ano, a monges que deveriam prestar contas em uma reunião geral, regida pelo librarius.

Nesse momento, o bibliotecário ou librarius exercia um papel não muito notório, porém, de muito respeito e importância dentre essas ordens religiosas, era dele a incumbência de inventariar e classificar os livros, conforme Mello (1972, p. 215) o uso de listas e catálogos nessas bibliotecas passaria a ser comum nessa época, com isso, essas bibliotecas deixariam para trás a conotação de depósitos de livros, passando a terem um caráter muito mais organizado.

Ao librarius eram concebidas as chaves desse acervo e o conhecimento de como os encontrá-los, Eco (2021, p. 70) descreve em seu romance intitulado *O nome da Rosa*, o que pode ter sido a figura do bibliotecário da Idade Média, quando em certa passagem do livro, um abade explica a um dos personagens que:

[...] o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, só ele sabe o lugar onde os encontrar e a qual os restitui, só ele é responsável por sua conservação, [...] só o bibliotecário sabe a posição do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredo, de verdade ou de mentira o volume encerra. Só ele decide como e se deve fornecê-lo ao monge que o está solicitando [...].

Tanto as bibliotecas, como os bibliotecários na Idade Média, faziam parte de um organismo fechado, com o declínio da cultura pagã, os textos e obras religiosas sagradas estavam sempre como prioridade nessas bibliotecas. Por outro lado segundo Litton (1975, p. 244) bibliotecas que abrigavam valiosos textos de origem pagã, tiveram seu fim decretado, diante da grande onda fanática cristã, que incinerou bibliotecas e valiosas obras da Antiguidade.

A biblioteca cristã é, de fato, em primeiro lugar, o livro sagrado, e essa hierarquia é tão forte que ela vai dominar a lógica da catalogação bibliográfica até o século XVIII. Os textos – e os manuscritos – provenientes da cultura secular são ainda mais negligenciados na medida em que a nova religião dissemina uma teoria da Palavra implicitamente oposta a tradição livresca (BARBIER, 2018, p. 69).

Somente depois de muito tempo e principalmente pela fuga dos monges bizantinos para o ocidente é que essas bibliotecas passariam a conservar e a copiar também livros pagãos, já que de acordo com Santos (2012, p. 184), diferente dos monges e bibliotecas ocidentais, os monges bizantinos concentraram bastantes

conteúdos da civilização helênica, de caráter profano para cristãos. Para Litton (1975, p. 249) passar a copiar estes textos tinha como objetivo o domínio dos idiomas grego e latim.

Um bom exemplo são as cópias dos grandes textos filosóficos da Antiguidade, ao quais eram acusados constantemente pelo poder religioso de conter e proliferar heresias. Somente em poucos casos os livros pagãos tinham utilidade, ainda assim de forma moderada, segundo Barbier (2018, p. 76) o uso de livros pagãos limitavam-se principalmente ao estudo de registros de medicina.

Nas palavras de Martins (2002, p. 83) “[...] com maior ou menor interesse profano, com maior ou menor penetração leiga, são os mosteiros que salvam, para o mundo moderno, a riqueza literária da Antiguidade”.

Conforme Martins (2002, p. 82) a Idade Média possuiu três tipos diferentes de bibliotecas: as bibliotecas monásticas dentro de mosteiros; as particulares, como as de Constantinopla, mantidas por reis e grandes senhores, com caráter privado pessoal, que segundo Martins (2002, p. 88) foram bibliotecas constituídas de acervos pequenos, inclusive levados por seus senhores em viagens e expedições como parte da bagagem. Já no fim da Idade Média e alvorecer da Renascença, nasceriam as importantes bibliotecas universitárias, que impulsionariam tanto a popularização do livro, como a democratização das bibliotecas.

As universidades tornar-se-iam um grande divisor de águas na história, é com elas que as bibliotecas passariam a ter um sentido coletivo público. O livro pela primeira vez não seria somente revelação divina, ou código de leis, ao mesmo tempo em que o bibliotecário se distanciaria de seus tipos genéricos anteriores (ORTEGA Y GASSET, 2006, 18-19).

### **3.3 Aspecto e Características da Biblioteca e do Bibliotecário, do Moderno ao Contemporâneo**

As instituições de ensino emergem junto às bibliotecas, o ensino básico se difundiu junto ao crescimento do alfabetismo em áreas urbanas da Europa e já no final do século XI de acordo com Barbier (2018, p. 115) surgem progressivamente em cidades as primeiras bibliotecas universitárias, as quais de acordo com Milanesi (2002, p. 23) ainda estavam sobre o domínio do poder religioso, porém, já caminhando para uma laicização.

Com o desenvolvimento e proliferação do *papel* na Europa e sua indústria cada vez mais emergente, permitiu-se não somente a criação da imprensa, mas a massificação da produção do livro. As bibliotecas e seus bibliotecários precisaram se adequar a uma nova realidade, tanto no que diz respeito à estrutura e ampliação de seus espaços, como em algo nunca visto antes com o crescimento cada vez mais rápido dos acervos.

Nesse momento as bibliotecas se veem diante de um novo público, tanto professores como alunos necessitavam cada vez mais de obras acadêmicas de referência. Mais adiante elas seriam abertas ao público, ainda que de forma limitada, adquirindo caráter cada vez mais institucionalizado, organizado e público, onde os livros impressos predominariam em seus acervos.

As grandes transformações das bibliotecas ocorrem por volta do século XV, surgem regimentos e sistemas biblioteconômicos e seus serviços, que tornam a biblioteca um verdadeiro organismo vivo. As bibliotecas passam a dispor de salas de leitura com ambientes iluminados e arejados, com mobiliário moderno, contando com mesas, cadeiras e enormes estantes de aço, que substituem as mobílias em madeira e os locais fechados, pouco iluminados do passado.

Seus espaços passam a contar com corredores, que davam acesso às varias estantes prolongadas até o teto, os livros nesse momento possuem diferentes tamanhos, passariam a ser agrupados e identificados por etiquetas coladas em suas capas e lombadas, onde as informações necessárias para sua busca eram disponibilizadas por assunto em catálogos. Esses livros inicialmente eram alocados nas estantes na horizontal, logo adiante se percebeu o ganho de espaço com eles na posição vertical.

Com o fim do monopólio do conhecimento e a proliferação da leitura, tanto recreativa como acadêmica, tanto bibliotecários, como bibliotecas se aproximaram de seus conceitos atuais. Entretanto se viram diante de um novo fenômeno, o grande excesso da vasta produção de registros literários. Milanesi (2002, p. 26) salienta “[...] que em menos de duzentos anos passou-se da escassez ao excesso”.

É nesse momento em que o bibliotecário ganha notoriedade e sua profissão é oficialmente constituída, pois é a única figura apta a lher dar com as demandas de organização e das crescentes desses acervos. Nas palavras de Ortega y Gasset (2006, p. 20) “[...] neste sentido, digo que até o Renascimento a necessidade do

livro não foi vigência social. E como foi então que se tornou vigência social aí vemos surgir imediatamente o bibliotecário como profissão”.

É importante frisar de acordo com Figueiredo (2007, p. 11) que o termo bibliotecário, de fato só surgiria em 1751 em um artigo de enciclopédia, proposto por Diderot e D’Alembert, no qual o bibliotecário é conceituado como [...] aquele que é responsável pela guarda, preservação, organização e pelo crescimento dos livros de uma biblioteca (DIDEROT; D’ALEMBERT, 1993, p. 212).

Com isso, o bibliotecário pós Renascimento, daí por diante passa a lidar não somente com a organização básica desses acervos, mais também com processos técnicos que envolveram tanto a catalogação, como sistemas de classificação de assuntos, que segundo Litton (1975, p. 261) dividiu o conhecimento em cinco classes: Teologia, Jurisprudência, Artes e Ciência, Belas artes e História.

Mais do que nunca passa a ser tarefa do bibliotecário zelar pela biblioteca e mantê-la sempre bem conservada e organizada, não deixando que nem um exemplar se extraviasse ou se estragasse por força do tempo, ou de pragas. Nas palavras de Barbier (2018, p. 248) “[...] a biblioteca moderna universal e aberta, pede invenção de uma biblioteconomia<sup>3</sup> adaptada – uma ciência de sua gestão”.

É por volta do século XVII que começam a ser estabelecidas importantes bases biblioteconômicas, a partir de uma mobilização conjunta, tanto de profissionais eruditos, como gestores, na qual destaca-se o nome de Gabriel Naúde, considerado um dos maiores bibliotecários do século XVII, pela autoria e realização de um importante manual para bibliotecas, no qual segundo Barbier (2018, p. 242) incentivava-se que as bibliotecas deveriam ter caráter universal, abarcando a todos os campos do conhecimento de todos os países, oferecendo seus serviços a todos os usuários em potencial sem distinção.

Outra grande contribuição, no sentido da idéia de biblioteca na modernidade, surgiria de acordo com Serrai (1975, p. 152) em 1676, por parte do genial bibliotecário Gottfried Wilhelm Leibniz, na qual é dada a biblioteca características de uma instituição pública, igualada a uma escola, na qual se tem por finalidade apoio e incentivo ao desenvolvimento e melhoramento humano.

---

<sup>3</sup> Biblioteconomia é uma área interdisciplinar e multidisciplinar do conhecimento que estuda as práticas, perspectivas e as aplicações de métodos de representação, e gestão da informação e do conhecimento, em diferentes ambientes de informação. Texto disponível e extraído da página: (<https://britoeeducar.com.br/produto/73/introducao-a-biblioteconomia>).

Porém, nem só da universalidade viveria as bibliotecas modernas, a questão do grande crescimento dos acervos, continuou a gerar sérios impactos e novas problemáticas, como a seleção de acervo e critério de aquisição de exemplares, pois nas palavras de Milanese (2002, p. 29) os acervos sempre correm o risco de ter o que não deviam e não ter o que necessitam.

Eram poucas as bibliotecas com políticas adequadas de incorporação de produções em seus acervos e a única solução cabível, foi optar por bibliotecas as quais determinada área do conhecimento se tornaria sua principal especialidade, deixando a cargo das chamadas bibliotecas nacionais ou centrais a incumbência de reunir a produção tanto nacional, como estrangeira (SERRAI, 1975, p. 158).

Nesse sentido, a respeito das bibliotecas especializadas Milanese (2002, p. 30) salienta que:

[...] o conhecimento é fracionado em partes cada vez menores, permitindo aos acervos e aos serviços atenderem à demanda especializada. A ideia do universal passa a ser substituída pelo particular. Quanto mais uma biblioteca reduz o campo temático, mais exequível se torna o desejo de ser completa.

A partir do século XIX de acordo com Serrai (1975, p. 158) diante do grande impulso e dos impactos proporcionados pela revolução industrial nas sociedades, as bibliotecas adquirem sua aparência atual, porém, elas continuariam com suas formulas e métodos de trabalho anteriores.

Ao final do século XX com uma serie de avanços tecnológicos, cria-se o computador, que se popularizaria no decorrer do século XXI e mais adiante se tornaria ferramenta indispensável para o armazenamento e circulação da informação e do conhecimento. De acordo com Milanese (2002, p. 32) essas maquinas se desenvolveram em poucas décadas, se tornando compactas e capazes de armazenar e processar grades quantidades de informação.

Porém, assim como o livro impresso em seu inicio, o computador enfrentou certa resistência por parte das bibliotecas e bibliotecários, que ainda preferiam as fichas e catálogos tradicionais ao invés da nova tecnologia.

Só posteriormente, com a popularização dos computadores, é que se percebeu que a informação é a razão da biblioteconomia e que os computadores são máquinas que tornam a informação mais acessível e que a informática e informação não só têm a mesma raiz etimológica como são indissociáveis (MILANESI, 2002, p. 49).

Com a incorporação dos computadores e suas ferramentas tecnológicas, logo somadas ao advento da internet, que possibilitou conectar em uma rede mundial

peças e serviços em qualquer parte do mundo, cria-se uma nova forma de gestão dos registros do conhecimento no cotidiano das bibliotecas, quer seja ela pública ou especializada.

No decorrer do século XXI o livro não é somente papel impresso, ele passa a ser produzido e disseminado de forma eletrônica e desta mesma forma a biblioteca não é mais somente espaço físico, ela rompe além de seus muros, tomando formas híbridas que culminam no surgimento das chamadas bibliotecas digitais, na qual Santos (2016, p. 291) defini como:

[...] uma coleção organizada de informação, com serviços associados, onde a informação esta armazenada em formatos digitais e é acessível através de uma rede, e por isso mesmo é uma janela de acesso a coleções e serviços para um público em qualquer lugar e em qualquer momento.

Nesse processo o bibliotecário também necessitou mais uma vez adequar-se e atualizar-se, seu ofício atual agora exige habilidades multidisciplinares para lidar com as diversas ferramentas tecnológicas, somado a novas demandas dos mais variados públicos da sociedade e de bibliotecas cada vez mais democratizadas. Esse profissional deve estar sempre a serviço da coletividade e necessita mediar e disseminar a informação através de novas mídias, de forma presencial ou online.

Atualmente as bibliotecas contam com recursos tecnológicos que possibilitam ao profissional comunicar-se com os usuários virtualmente; agilizar o processamento técnico; disponibilizar documentos em formato eletrônico, podendo ser acessado por inúmeros usuários ao mesmo tempo em qualquer lugar do mundo; ou até mesmo criar uma biblioteca totalmente digital (MORIGI; SOUTO, 2005, p. 193).

No mundo globalizado com uso das novas tecnologias, as barreiras da distância, do espaço para armazenamento e preservação do grande fluxo do conhecimento, a cada dia são mais rompidas. Em 2004, a plataforma *Google Books*<sup>4</sup> foi responsável pelo projeto que digitalizou 15 milhões de livros, de posse de diversas bibliotecas americanas, dando acesso e disponibilidade de forma gratuita ao público (LYONS, 2011, p. 206).

Nas palavras de Milanesi (2002, p. 51) “[...] não é mais o indivíduo que persegue a informação, mas a informação que soterra o indivíduo”. Nesse sentido, na atualidade cabe a ele o bibliotecário profissional da informação, ser o agente responsável por esse filtro e refinamento do grande fluxo da informação, tendo em vista que no mundo contemporâneo o grande desafio das bibliotecas e bibliotecários

---

<sup>4</sup> Serviço da empresa Google, que se buscam livros, digitalizados e armazenados em banco de dados.

não é mais a escassez do livro e suas informações e sim a seletividade, representatividade e relevância dos dados informativos para a sua disseminação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história do conhecimento da humanidade está ligada de modo inerente as diferentes transmutações evolutivas, as quais tanto livro, como biblioteca e bibliotecário, passaram nos diferentes períodos históricos da humanidade. Cada um desses três elementos surge como forma de suprir importantes necessidades em determinados momentos das civilizações, até consolidar-se em uma importante união, que se relaciona e se atualiza a serviço do conhecimento.

União esta que firmou na história três importantes pilares da preservação e disseminação do conhecimento: o livro como memória escrita, a biblioteca como local de preservação e o bibliotecário como seu principal gestor. Entendendo esse processo que se deu ao longo do tempo é que se tem a importância e dimensão do quão esses três personagens se somam e se complementam na história da humanidade.

Indubitavelmente cada fator de interferência exposto na presente pesquisa, representa apenas alguns poucos recortes dos fatos ocorridos nas respectivas histórias do livro, biblioteca e bibliotecário, porém, que demonstram e aludem de forma direta alguns dos importantes acontecimentos, que fizeram com que estes estivessem sempre a se desenvolver ao longo do tempo.

Constatou-se os diferentes aspectos evolutivos ao qual o livro mostrou-se como invento imprescindível, se modificando de acordo com a importância a ele dada em cada momento das sociedades e civilizações da humanidade. Este se mostrou como poderoso instrumento do saber, como receptáculo do conhecimento e extensão da memória humana, registrando em seu interior tanto as ciências, como as culturas e comportamentos de cada sociedade desde o advento da escrita.

Livro este que surge como mero objeto de anotação, mas que logo ganha importância sagrada nos registros religiosos das civilizações da Antiguidade e Idade Média. Na transição entre Medieval e Modernidade, o seu status de objeto intelectual de alta cultura, garantiu não somente sua sobrevivência, mais uma nova forma de concepção e manuseio, que impactou daí por diante tanto nos seus usuários, como no seu propósito de uso nas gerações posteriores.

Não menos importante, a história das bibliotecas nos mostra seus diferentes ciclos e propostas de existência, que se iniciam como meros locais de estocagem de registros, que foram em sua maioria de cunho religioso na Antiguidade. Na Idade Média ainda sobe o domínio do poder religioso, elas continuaram a exercer caráter restrito e de monopólio do conhecimento, porém, tiveram suma importância na preservação dos textos da Antiguidade.

Já ao final desse período e início da Renascença, ou período moderno, concretizou-se a idéia da laicização e da democratização das bibliotecas, como locais para todos e assim se seguiu na contemporaneidade, com bibliotecas cada vez mais efervescidas por diferentes públicos e impulsionadas pelas novas tecnologias de acesso a informação.

A história das bibliotecas também transmite reflexão não somente a cerca das diferentes concepções que foram a elas empregadas nas diferentes épocas, no intuito de se preservar o conhecimento contido nos livros, mais também o grande esforço daqueles que através de intervenções benéficas, fizeram com que a informação não se tornasse um amontoado de memórias perdidas, dispersadas no tempo.

Interferências que nascem a partir das primeiras formas de organização de coleções em bibliotecas da Antiguidade, por parte das primeiras pessoas que tiveram a idéia de representar coleções de livros de modo ordenado, de maneira a não se perder nenhum registro guardado e da mesma forma, encontrar esse quando fossem solicitados.

Essa é a origem da missão e papel da figura do bibliotecário, que transcendeu as figuras do sábio erudito e posteriormente a de guardião do conhecimento, tornando-se no presente um profissional fundamental, como agente mediador, a serviço da disseminação da informação e do conhecimento.

Por fim, constatou-se a partir das histórias e da relação existente entre livro, biblioteca e bibliotecário, o grande empenho de uma parte sensata dos seres humano, em não permitir que o conhecimento se tornasse algo estático, restrito a pequenos grupos. Pois o conhecimento se expande e mesmo nos momentos mais tenebrosos da humanidade, ele encontra meios e pessoas que o libertem e o torne livre e partilhável a todos aqueles que a ele o busquem.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Igor Soares et al. A estrutura do livro como matriz de ordenação do conhecimento. **Em Questão**, v. 25, p. 264-287, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92374>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais**. São Paulo: Edusp, 2015.

CHARTIER Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2 ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun Roger Chartier**. São Paulo: Unesp, 1999.

DE FIGUEIREDO, Marco Aurélio Castro; SOUZA, Renato Rocha. Aspectos profissionais do bibliotecário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 24, p. 10-31, 2007. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=ASPECTOS+PROFISSIONAIS+DO+BIBLIOTECARIO&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=ASPECTOS+PROFISSIONAIS+DO+BIBLIOTECARIO&btnG=). Acesso em: 02 fev. 2022.

DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J.R. **L'encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Paris: Flammarion, 1993, p.212.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. 590 p.

ECKERT, Kleber. A leitura e seu suporte: o percurso histórico do livro. **Linguagens: múltiplos olhares, múltiplos sentidos**, Lajeado: Univates, 1º ed, v. 2, p. 10-19. 2015. ISBN 978-85-8167136-9. Acesso em: 03 mar. 2022.

FEBVRE Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. Tradução: Fúvia M. L. Moretto e Guacira Machado. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2019. 580 p. Título original: L'Apparition du livre. ISBN 978-85-314-1567-8.

HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?**. São Paulo: Ateliê, 2019. 72 p. (Coleção Bibliofilia ; v.1).

LABARRE, Albert. **História do livro**. Trad. [do francês] de Maria Armanda Torres e Abreu. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

LEMOS, Ligia Maria Prezia. Incunábulo: ensaios, descobertas e experimentações. In: **Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Anais**. São Paulo. 2011. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=5724511764450840367&hl=ptBR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=5724511764450840367&hl=ptBR&as_sdt=0,5). Acesso em: 16 mar. 2022.

LITTON, Gaston. **O livro e sua História**. São Paulo: McGraw-Hill, 1975. 282 p.

LYONS, Martyn. **Livro uma história viva**. Tradução: Luiz Carlos Borges. São Paulo: Senac, 2011. 224 p.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. **Estudos avançados**, v. 8, n. 21, p. 201-214, 1994. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=o+fim+do+livro%3F&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=o+fim+do+livro%3F&btnG=). Acesso em: 10 fev. 2022

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. .

MELLO, José Barboza, **Síntese histórica do livro**. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002.

MEDEIROS, A. L. As bibliotecas na antiguidade. **Memória e Informação**, v. 3 n. 2, n. 2, p. 69-85, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127434>. Acesso em: 13 jun. 2022.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, v. 10, n. 2, 2005. p. 189-206. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>. Acesso em: 6 jun. 2022.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

RODRIGUES, M. E. F.; SILVA, A. O. A.; SANTOS, A. M. P. D.; RODRIGUES, C. C.; PONTES, C. F. S.; NASCIMENTO, R. M. S. A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. **Biblionline**, v. 9, n. 1, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16429>. Acesso em: 06 jul. 2022.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional x livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva. **Hipertextus revista digital**, v. 3, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54445-Livro-tradicional-x-livro-eletronico-a-revolucao-do-livro-ou-uma-ruptura-definitiva.html>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SANTOS, Alexandra. De Alexandria às bibliotecas digitais. **Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo**. Coimbra: Annablume, p. 285-295. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/40836>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SANTOS, J. M. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 175-189, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/2986>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SANTOS, Roberta Kerr dos. A evolução do suporte material, do livro ao e-book: mudanças e impactos ao leitor contemporâneo. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 20, p. 18-30, 2010. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5161>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 4, n. 2, 1975. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=related:OYHC7YhLzxoJ:scholar.google.com/&sciog=a+historia+do+bibliotecario&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=related:OYHC7YhLzxoJ:scholar.google.com/&sciog=a+historia+do+bibliotecario&hl=pt-BR&as_sdt=0,5). Acesso em: 5 jan. 2022.

SILVEIRA, Paulo Antonio. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.